

A NATUREZA DA MATÉRIA EM TOMÁS DE AQUINO

Paulo Faitanin – Universidade Federal Fluminense.

Resumen: Nossa intenção neste artigo é estabelecer o conceito e a natureza da matéria em Tomás de Aquino; a matéria, no contexto filosófico do *De natura materiae* e em suas obras.

Palabras-claves: Tomás de Aquino, *De natura materiae*, Individuação.

Abstract: Our intention in this paper is to establish the concept and the nature of the *matter* in Thomas Aquinas; the matter, in the philosophical context of the *De natura materiae*, and in his works.

Keywords: Thomas Aquinas, *De natura materiae*, Individuation.

§. 1. Definição de matéria

O vocábulo português *matéria* deriva, etimologicamente, do termo latino *materia*, - *ae*, e este de outro latino *mater*, - *tris* e tudo indica que este derivou da palavra grega *méter*, que em dórico é *máter*¹; e o termo grego derivou do sânscrito *matar*². Estas derivações ocasionaram certas evoluções semânticas. A consideração disso pode ser útil para uma melhor compreensão do conceito de matéria no contexto do pensamento de *Tomás de Aquino* [TA].

Vejamos, primeiramente, o significado de ‘matéria’ em língua portuguesa. De um modo geral, os dicionários definem matéria como ‘qualquer substância sólida, líquida ou gasosa que ocupa lugar no espaço’; ‘substância suscetível de receber certa forma ou em que atua determinado agente’ e ‘aquilo de que os corpos físicos são compostos’³.

Algumas informações apresentadas, nestas três definições, nos interessam mais imediatamente: (1) matéria é substância; (2) ocupa lugar no espaço; (3) susceptível de receber forma; (4) sujeito em que atua algum agente e (5) é o que compõe os corpos físicos. Estas cinco características, comumente, atribuídas à matéria, confirmam o teor filosófico que permaneceu, como herança, naquelas definições.

Vejamos, agora, o significado latino de *materia*, - *ae*. Termo da língua rústica, que significa, propriamente, a ‘substância da qual é feita a *mater*’ e, de um modo geral, designa o tronco da árvore, na medida em que é considerada como produtora dos brotos e ramos. Por extensão designa a parte dura da árvore, em oposição às folhas.

¹ LIDDELL, H. G. and SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996, p. 1128.

² CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999, pp. 698-699.

³ NASCENTES, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1988, verbete *matéria*, p. 406.

Sendo denominado *materies*, -ei, isso que o tronco fornece aos carpinteiros, a saber, a madeira. Servindo, posteriormente, o termo *materies*, -ei, para designar toda espécie de matérias e materiais⁴.

A palavra latina *materia*, -ae, como vimos acima, derivou, por sua vez, de *mater*, -tris. Este vocábulo *mater*, -tris designou, em seu sentido concreto originário, a terra e a fertilidade da terra ‘da qual todas as coisas materiais são produzidas, extraídas e geradas’.

Mas, além daquele significado originário, designou, em seu sentido figurado, ‘a que produz’ ou ‘aquela a partir da qual se produz algo’, portanto, a causa, a origem ou princípio a partir do qual se produz algo⁵. Em seu sentido geral, passaria designar, então, as plantas e os animais, enquanto estes eram efeitos, causados, originados, principiadados ou gerados, a partir da *mater*⁶.

Daí ter originado o termo *materia*, enquanto designava, por analogia à terra, ao tronco da árvore, a partir do qual se produzia, gerava os ramos. E, posteriormente, designaria a *mãe*, enquanto aquela a partir da qual se gera o filho, ao qual alimenta e nutre, passando significar, também, além de quem nutre, a própria nutrição.

A palavra latina *mater*, -tris, como vimos acima, derivou, por sua vez, do vocábulo grego *máter*, que significou ‘aquela a partir da qual algo é gerado, produzido’, portanto, no contexto biológico, designou ‘mãe’⁷.

Embora o nosso termo português *matéria*, mediante a derivação latina de *mater*, -tris, encontre sua matriz gramatical correspondente na palavra grega *máter*, sua matriz semântica a encontra no termo grego *hylé*, com os significados originários de *floresta*, *madeira*, *a matéria da qual uma coisa é feita*⁸.

Uma vez feita esta abordagem nominal da evolução do conceito de matéria, convém considerar, agora, antes ainda de abordá-la em *TA*, as definições reais, mais comuns, de matéria, no âmbito da filosofia, sendo a primeira e fundamental referência a do pensamento aristotélico.

Amplamente utilizada no contexto do pensamento de Aristóteles⁹, *hylé* foi, inclusive, comparada a *méter*, que se refere à sua capacidade de ser substrato, a partir do qual algo poder vir a ser¹⁰. Do mesmo modo, anteriormente, Platão havia designado a matéria como *mãe*: ‘acolhe em si todas as coisas sem nunca assumir forma alguma que se assemelhe às coisas, pois é como a cera que recebe a marca’¹¹.

⁴ ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots*. Quatrième Édition. Paris: Éditions Klincksieck, 1994, verbete *materia*, -ae, p. 390.

⁵ SANTOS SARAIVA, F.R. *Novíssimo Dicionário Latino-Português Etimológico, Prosódico, Histórico e Mitológico*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000, p. 717.

⁶ ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots*. Quatrième Édition. Paris: Éditions Klincksieck, 1994, verbete *mater*, -tris, p. 389.

⁷ LIDDELL, H. G. and SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996, p. 1130.

⁸ IBIDEM, pp. 1847-11848.

⁹ CENCILLO, L. *Hyle. Origen, concepto y funciones de la materia en el Corpus Aristotelicum*. Madrid: Instituto Luis Vives, 1958; HAPP, H. *Hyle. Studien zum aristotelischen Materie-Begriff*. Berlin: Walter de Gruyter, 1971, esp. pp. 298-309.

¹⁰ ARISTÓTELES, *Physic.*, I, c.9, 192^a 12-13.

¹¹ PLATÃO, *Timeu*, 50 b-d.

Não obstante, ademais daquela comparação, muito oportuna, Aristóteles promoveu outras definições, norteadas por sentidos filosóficos¹². Destacamos, aqui, as mais importantes. Uma delas é entender a matéria como ‘substrato capaz de receber a geração e a corrupção, mas, também, o substrato dos outros tipos de mudança, porque todos os substratos são capazes de receber certas classes de contrariedade’¹³. Neste caso, matéria é entendida segundo sua *receptibilidade*.

Outra é a que designa a matéria como ‘aquilo de que tudo se gera’¹⁴, ‘chama-se substrato primeiro, em certo sentido, a matéria’¹⁵ e, por fim, o Estagirita define a matéria como ‘o substrato primeiro em cada coisa, aquele constitutivo interno e não accidental do qual algo chega a ser’¹⁶.

Nestes casos, destaca-se a matéria como *primeiro sujeito intrínseco* da geração. Qualifica-se, também, a matéria como ‘o que não é algo determinado em ato, mas algo determinado só em potência’¹⁷. Aqui evidencia a matéria como *ser em potência*.

Os dicionários especializados em filosofia, acercando-se muito, ao que até aqui temos dito, costumam apontar os seguintes significados: matéria refere-se aos ‘objetos naturais que o trabalho do homem utiliza ou transforma com vista a um fim... a madeira de construção’¹⁸. Notifica-se, também, a noção de matéria ‘como *sujeito* e como *potência*’¹⁹.

Confirma-se, pois, que dentro de uma linguagem mais técnica, aquelas noções originárias de matéria enquanto significa a matéria de que algo é feito, persistem sob uma leitura filosófica, nas noções de matéria como *substrato* e *potência*. Eis, pois, a que segue o Angélico, como veremos, abaixo.

TA, do mesmo modo que o dos seus antecessores, compara a matéria primeira à mãe, afirmando que assim como a matéria causa a geração, assim, também, a mãe²⁰. E como veremos, para o Angélico, a matéria é um bem, não sendo, pois, nem não ser, nem privação e nem mal. Vale informar que nem todos compartilharam desta comparação. Maimônides, por exemplo, ao contrário, rompe com a tradição ao comparar a matéria com a mulher adúltera²¹ e Avicena afirma-lhe ser um mal²².

¹² Ferrater Mora acentua a tese de que só com Aristóteles □1 □□ adquiriu um significado técnico: FERRATER MORA, J. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, verbete, *matéria*, p. 1892.

¹³ ARISTÓTELES, *De gener. et corrup.*, I, c.4, 320^a 1-4.

¹⁴ ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.7, 1032^a 17-18.

¹⁵ ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c. 3, 1029^a 1-3.

¹⁶ ARISTÓTELES, *Physic.*, I, c.9, 192b 31-32.

¹⁷ ARISTÓTELES, *Metaph.*, VIII, c. 1, 1042^a 26-28.

¹⁸ LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, verbete, *matéria*, p. 645.

¹⁹ ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, verbete, *matéria*, p. 646.

²⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Physic.*, lect.15.

²¹ MAIMÔNIDES, *Liber Doctor Perplexorum*. In *linguam latinam perspicue e fideliter conversus à Johanne Buxtorfio*. Basileae: Ludovici König, 1629, III, c. 8, p. 345.

²² AVICENA, *Liber de Philosophia Prima*. Édition critique de la traduction latine médiévale par S. Van Riet et introduction doctrinale par G. Verbeke. Louvain: Peters, 1977, p. 340, n. 75-76.

Em resumo *TA*, seguindo a tradição, sustenta que a *matéria primeira* é o substrato das transformações substanciais²³, mas não como um ser em ato, mas em potência²⁴. A matéria por ser primeiro sujeito das formas, ao ser informada por uma forma específica, torna-se atual, como o seu substrato individual, por isso, a matéria é considerada *princípio de individuação* da forma que recebe²⁵. São, pois, guardadas no pensamento tomista as noções atribuídas à matéria, tais como: substrato, primeiro sujeito, pura potência e princípio de individuação.

§. 2. Origem da matéria

Para a redação deste ponto tivemos em conta as doutrinas encontradas no opúsculo *A natureza da matéria*. Duas eram as principais teses filosófico-teológicas, no tempo de *TA*, acerca da origem da matéria²⁶.

A *matéria incriada*: a primeira tese sustentava que a matéria primeira não fora criada por Deus²⁷. O suporte para tal afirmação foi a interpretação da tradicional compreensão aristotélica da matéria primeira como *pura potência*, enquanto absolutamente privada e carente de qualquer ato formal, fazendo derivar desta explicação, a declaração de que não pôde ter sido criada e de que a matéria seria: *imutável, ingênita, incorruptível, infinita e eterna*. Nestes termos, a matéria, propriamente falando, não teria tido origem.

Como consequência imediata desta explanação, surge a concepção da matéria primeira como um *co-princípio divino* que concorre, juntamente, com Deus, para a criação das demais coisas²⁸: *Deus seria a potência ativa* [o atributo da onipotência divina] e *a matéria primeira, a potência passiva* [o atributo essencial da matéria primeira]²⁹. Historicamente, Avicebra foi considerado o representante legal desta linha de pensamento.

Segundo *TA*, os que assim procederam, se equivocaram duplamente: *primeiro* por não entenderem o significado da noção aristotélica de matéria primeira como pura potência, ao não suporem que não se tratava de afirmar a privação absoluta de ato formal na matéria, senão a do ato da forma substancial, em sua origem.

²³ TOMÁS DE AQUINO, S. *In XII Metaph.*, lect.2.

²⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VIII Metaph.*, lect.1; *VII*, lect. 6; *XII*, lect. 2.

²⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect.10.

²⁶ FAITANIN, P. *Ontología de la materia en Tomás de Aquino*. Pamplona: CAF, n. 135, 2001, pp. 11-20. Com relação a este ponto fui mal interpretado pelo renomado historiador da filosofia medieval Josep Iganasi Saranyana, quem supôs que nesta obra havia ventos a favor à afirmação da doutrina do hilemorfismo universal em Tomás de Aquino. Ao contrário, nesta obra enfatiza-se a impossibilidade de sustentar ou atribuir tal teoria ao Aquinate. Vejam: SARANYANA, J. I. *La Filosofía Medieval*. Pamplona: EUNSA, 2003, p. 283, nota 55.

²⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q44 a1 obj.1-3. Vejam: AERTSEN, J. *Nature and Creature. Thomas Aquinas's Way of Thought*. (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, Band 21, E. J. Brill, Leiden-New York-København-Köln, 1988, pp. 324-331

²⁸ D'ANCONA, C. "Cause Prime non est Yliathim. Liber de Causis, prop. 8 [9]: Le fonti e la dottrina", *Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale*, 1 (1990), pp. 327-351.

²⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q44 a2 obj2.

Este ato da forma substancial somente apareceria, ulteriormente, com a geração da forma substancial; *segundo* por terem feito derivar, daquela concepção equivocada, as noções de imutável, ingênita, incorruptível, infinita e eterna, segundo o mesmo modo que eram atribuídas a Deus.

A *matéria criada*: a segunda tese, da que comparte *TA*, sustentava que a matéria primeira fora criada por Deus³⁰. Segundo os que assim opinam, afirmam que Deus para criar as coisas não pressupôs a matéria³¹. Deus é o único princípio de criação³², criando duas coisas ‘uma próxima d’Ele e outra próxima do nada’³³.

O suporte para tal asseveração fora, também, a explicação da tradicional concepção aristotélica acerca da matéria primeira, mas neste caso, ainda que se aceitasse a interpretação da matéria primeira como *pura potência*, não a entendia como absoluta privação ou carência de algum ato, de alguma forma, senão carência somente de algum ato de qualquer forma específica.

Os que sustentaram tal tese, ao entenderem a matéria como pura potência, não a compreenderam como absoluta privação ou carência de qualquer ato, por isso, não fizeram derivar dela, tal como se deriva de Deus, o *imutável, ingênito, incorruptível, infinito e eterno*. Como consequência imediata deste comentário *TA* teve que considerar duas outras teses:

Criada simultaneamente com o tempo, mas sem forma: considerava que a matéria foi criada simultaneamente com o tempo, mas absolutamente sem forma³⁴, tendo sido informada, depois, sucessivamente³⁵. Esta tese teria sido defendida por Santo Agostinho. Os que admitiram esta tese tiveram que solucionar dois problemas:

Primeiro problema [a doutrina da simultaneidade]: deveriam, com uma adequada explicação da doutrina da *simultaneidade* da criação da matéria e do início do tempo, refutar a idéia de que a criação da matéria se deu no tempo [o tempo antecederia à criação], de que a criação da matéria não precedeu ao tempo [a criação precederia ao tempo]³⁶ e de que não houve algum tempo posterior à criação simultânea da matéria [o tempo seria posterior à criação]. Para isso, estabeleceram que *a criação da matéria foi simultânea ao início do tempo*, portanto, a matéria foi criada com o tempo, nem antes, nem no próprio tempo e nem posteriormente ao tempo.

Segundo problema [o paradoxo do duplo tempo]: deveriam solucionar o *paradoxo do duplo tempo*, ou seja, uma possível contradição ou antinomia que surgiria ao terem que aceitar a existência de duas naturezas de tempo contrárias, por assumirem, como verdadeira, a doutrina de que a matéria primeira foi criada simultaneamente com o

³⁰ TOMÁS DE AQUINO, *De nat. mat.*, c1 n369: “Unde ipsa non nisi ex nihilo producitur, et non nisi in nihilum desinere potest. Sicut autem ex nihilo creatura non potest aliud producere, ita ex subtractione virtutis creatae corrumpitur aliquid in nihilum. Creatura ergo materiam causare non potest”; *In I Phys.*, lect15 n139.

³¹ TOMÁS DE AQUINO, *S. Comp. Theo.*, I t1 c69 n118-120. Veja: CAPREOLO, J. *Defen.* III, 77 b e 84 b.

³² TOMÁS DE AQUINO, *S. De Pot.*, q3 a6 sol.

³³ TOMÁS DE AQUINO, *S. Sum. Theo.*, I q44 a2, sc.

³⁴ Segundo *TA*, esta tese foi defendida por Santo Agostinho: *In II Sent.*, d12 q1 a4 ad2; *In II Sent.*, d12 q1 a5 sol.

³⁵ TOMÁS DE AQUINO, *S. De Pot.*, q4 a2.

³⁶ *TA* disse sobre isso que se a informidade precedeu no tempo à informação da matéria, se seguiria que no princípio houve o *Caos* (*Sum. Theo.*, I q66 a1 sc).

tempo, mas sem qualquer forma. Seriam, pois, levados à concordância de um ‘tempo’ que seria simultâneo à criação da matéria sem forma e ao consentimento da existência de um outro tempo, que seria sucessivo na posterior informação da matéria.

Necessariamente seriam duas naturezas de tempo opostas e distintas, porque se o tempo simultâneo fosse idêntico ao tempo sucessivo, haveria a contradição de a matéria ter sido e não ter sido criada sem forma, já que no tempo simultâneo estaria informe e no tempo sucessivo informada. Isso contraria o princípio de não contradição.

Como o intuito de solucionar esta antinomia e guardar a integridade da tese, alguns propuseram distinguir as duas naturezas de tempo, afirmando que elas, verdadeiramente, se opõem, mas não se opõem por contradição, pois uma seria a natureza do tempo simultâneo da criação e a outra a do tempo sucessivo da informação.

O *tempo simultâneo*: este seria o tempo que mediria a passagem do não ser da matéria ao ser da matéria³⁷. Neste caso, se quiseram com esta noção salvaguardar a tese, acabaram por criar uma dificuldade ainda maior, acerca da compreensão da definição e da natureza do tempo.

Se tempo for definido como *a medida do movimento*, não conviria aplicar este termo para nomear este passo da criação, que vai do não ser absoluto da matéria ao ser da matéria³⁸, porque isso, propriamente, não é movimento, nem algum tipo de mutação metafísica intrínseca³⁹. Por isso, a criação não é movimento.

Além do mais, se o tempo for definido como *a medida do movimento e do ser das coisas que se formam*⁴⁰ e se este vocábulo for utilizado para nomear este passo da criação, caberá perguntar que movimento o tempo teria medido numa matéria absolutamente sem forma, se por *movimento* se entende a passagem da potência ao ato; e se não há nenhum ato formal nesta matéria criada, como pôde ter havido movimento na matéria primeira?

Além do mais, se a natureza do tempo consiste na medida de duração do antes e do depois do movimento, se não houve movimento, sua natureza não se realizou como medida de duração do antes e do depois do movimento. Supondo isso, caberia admitir que sequer o tempo teria existido com tal finalidade, a não ser que se entendesse por tempo, alguma outra categoria de medida de duração.

Se houve uma medida de duração entre a criação mesma da matéria e o início da informação⁴¹, conviria denominar esta medida de duração de *instante*, que seria a medida de duração entre o instante da criação da matéria informe com o tempo e o instante do início da informação da matéria⁴².

³⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q66 a4 sol.

³⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Sent.*, d13 q1 a4 ad1.

³⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *C. Gen.*, II c17 n946-950; *De Pot.*, q3 a2 sol.

⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *In de Div Nom* c10 lect3 n872: “Proprie tempus dicitur quod secundum est mensura generationis et corruptionis et cuiuslibet variationis et omnis diversae habitudinis”.

⁴¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q66 a4 sc.

⁴² TOMÁS DE AQUINO, S. *De inst* c3 n323-331.

O tempo sucessivo: este seria o tempo que mediria a passagem da potência da matéria ao ato da forma substancial⁴³. Neste caso, não haveria problema algum em definir o tempo como a medida do movimento e valer-se desta palavra para referir-se à passagem da pura potência da matéria ao ato da forma substancial⁴⁴.

O tempo, neste sentido, seria a medida do movimento, cujo termo seria a geração⁴⁵. Nem mesmo ficaria comprometida a noção de natureza do tempo, pois aqui ela consistiria, efetivamente, na medida de duração do antes e do depois do movimento⁴⁶.

TA não viu grandes dificuldades em sustentar a hipótese do duplo tempo, desde que entendidas como opostas, mas não contraditórias. Não obstante, lhe pareceu mais conveniente sustentar que a matéria primeira foi criada simultaneamente com o tempo, mas não com um duplo tempo, senão um tempo único que começaria a medir a duração do movimento imediatamente depois da criação da matéria. Falamos aqui de um tempo ontológico e não do tempo psicológico, que pressupõe a percepção, apreensão e medida do movimento por obra do intelecto.

E teria que ser depois de seu estabelecimento na matéria, pois esta é o sujeito ou substrato do movimento. Além do mais, a matéria primeira teria que ter sido criada não absolutamente privada ou carente de todo e qualquer ato formal, senão somente do ato formal específico. Por isso, com relação à origem da matéria, ele tende à aceitação da tese que se segue.

Criada simultaneamente com o tempo, mas não sem forma: considerava que a matéria foi criada simultaneamente com o tempo, mas não absolutamente sem forma⁴⁷. Não era, pois, conveniente sustentar que o tempo não teve a sua origem simultânea à criação da matéria⁴⁸, já que a matéria é o sujeito do movimento⁴⁹, e o tempo a sua medida. Mas nada disso seria possível se ela tivesse sido criada sem forma.

⁴³ TOMÁS DE AQUINO, S. In II Sent., d1 q1 a6 ad3: “Secundum illam opinionem quae ponit omnia simul creata in materia informi, dicuntur res creatae in principio temporis, quod mensurat motum primi mobilis, non sicut in mensurante creationem, sed sicut in adjacente creationi: quia simul fuerunt rerum creatio et temporis principium. Sed secundum aliam opinionem, quae ponit res formatas per temporum successionem, non intelligitur de tempore quod est mensura illius motus, sed de tempore quod est numerus illius vicissitudinis, qua esse mundi succedit ad non esse ejusdem. Vel secundum alios sumitur tempus pro aevo, quod simul cum caelo et terra creatum est”.

⁴⁴ Qualquer mudança pressupõe o movimento como propriedade da matéria. Portanto, se não há movimento, não há mudança: STb I q53 a3 sol; Idem, a1 ad1-2; CG I c20 y 42; Idem, II c89; In Phys IV lect1 y 17; In Phys VIII lect15-16; In II de Caelo, lect.6.

⁴⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. In II Sent d1 q1 a6 ad3 e 6.

⁴⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. De inst c1 n318; In de Div Nom c4 lect3 n310.

⁴⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. In II Sent d1 q1 a6 ad6: “Ad sextum dicitur, quod intelliguntur secundum unam opinionem omnia simul creata non in speciebus suis, sed in materia informi; sed secundum alios dicuntur omnia creata simul etiam in formis propriis; sed tunc haec ante alia creata dicuntur, non duratione, sed naturae ordine, secundum quod in via generationis est incompletum ante completum. Haec tamen infra magis inquirentur”.

⁴⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. Sum. Theo., I q66 a4 ad3.

⁴⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. In VIII Metaph., lect.4: “Tertio per comparisonem ad transmutationem generationis et corruptionis, cuius subiectum est materia”.

Podemos dizer que foi *informe* com relação à informação da forma substancial específica, portanto, prévia à *formação* das substancias, segundo a ordem da natureza⁵⁰. Por isso se afirma que aquilo a partir do qual se produz algo é anterior naturalmente ao que se produz⁵¹.

TA não considera que a matéria foi criada absolutamente informe – ainda que nada impeça de que se a conceba informe no instante da criação, mas informada no instante posterior⁵² – porque embora não tenha sido informada completa e imediatamente pelas formas específicas no mesmo instante de sua criação, foi, pelo menos, no instante seguido, pelas formas elementares, a partir das quais, por mescla, constituiriam a posterior informação específica da matéria, já no tempo sucessivo⁵³.

Se tudo o que existiu foi por causa de alguma forma, seria ilícito sustentar que Deus criou a matéria absolutamente informe, mesmo que a forma que Ele comunicou à matéria primeira, no início, tenha sido alguma forma de natureza inferior, a saber, a forma de corporeidade⁵⁴.

Podemos admitir uma informação simultânea no instante da criação e outra sucessiva depois deste instante, já no tempo⁵⁵ e nisso não haveria contradição em supor, desde que admitissem ao menos alguma informação naquele instante da criação da matéria primeira. Com efeito, se foi criada com forma, caberia responder duas questões: uma *acerca da natureza da forma* e outra *acerca do número de formas* que a informaram em sua origem.

Acerca da *natureza da forma*: com relação à natureza da forma, esta foi *acidental* ou *substancial*. Parece que não pôde ter sido accidental, pois da forma do acidente não se gera a forma da substância. Então, parece que foi alguma forma substancial. Não obstante, se foi substancial, foi *elementar* ou *específica*.

Tudo indica que foi a *forma elementar*, pois esta categoria de forma pertencia ao último grau de perfeição dos gêneros das formas, enquanto se aproximavam mais da potência da matéria⁵⁶; elas são as mais imperfeitas na natureza das formas⁵⁷, porque ‘sunt materiae primae propinquiores’⁵⁸.

Além do mais parece que foi da mescla entre as formas dos elementos que foram produzidas as formas mistas específicas. Ao contrário, seria ilícito supor que da

⁵⁰ Muitos sustentaram esta tese: AGOSTINHO, S. *Confess.* L. 12, c. 12 (ML 32, 831); BASÍLIO, S. *In Hexaëm. Hom.* 11 (MG 29,29) ; AMBROSIO, S. *In Hexaëm*, c. 7 (ML 14, 148) e CRISÓSTOMO, S. J. *In Gén., hom.* 2 (MG 53, 30). Sobre isso vejam: *Sum. Theo.*, I, q.66, a.1, c.

⁵¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q.4, a.1, c: “Secundum quod illud ex quo fit aliquid, naturaliter est prius eo, sicut nox est prior creata. Et haec fuit opinio Augustini”.

⁵² TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I, q.66, a.4, ad.2.

⁵³ Vejam: *In II Sent.*, d4 q1 a3 sol.

⁵⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Sent.*, d.3, q.1, a.1, sol. Vejam: BAZÁN, B.C. “La corporalité selon saint Thomas”, *Revue Philosophique de Louvain*, 81 (1983), pp. 369-408.

⁵⁵ O que não é produzido simultaneamente, foi sucessivamente: *De Pot.*, q4 a2 sol.

⁵⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q4 a1 ad2; *De mixt. elem.*, n433: “Formae elementorum sunt imperfectissimae, utpote materiae primae propinquiores”.

⁵⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *De mixt. elem.*, n433: “Formae elementorum sunt imperfectissimae”.

⁵⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *De mixt. elem.*, n433.

específica fossem geradas as elementares, ainda que propriamente a corrupção da forma específica marca o retorno às formas elementares.

Além do mais, se tivesse sido a matéria primeira informada por alguma categoria de forma específica, se seguiria que não teria havido, a partir da matéria, alguma alteração, cujo termo tivesse sido alguma geração substancial.

Admitindo isso, seríamos levados à negação da geração, o que constitui um absurdo. Por tudo isso, parece que não pôde ter sido a matéria primeira informada em sua origem por qualquer categoria de forma específica, senão elementar.

Mas, não se admitirá isso pelo fato de que seria impossível ou contraditório para Deus ter informado a matéria primeira em sua origem com as diversas formas específicas. Deus não agiria menos livre e sabiamente se tivesse informado a matéria primeira em sua origem com diversas categorias de formas específicas. O fato é que a providência divina, aliada à sua liberdade e sabedoria, parece ter estabelecido, coerentemente, a melhor das ordens possíveis.

Esta ordem que marca a passagem da imperfeição da forma elementar para a perfeição da forma específica, segue a mesma tendência do desígnio de Deus de do nada de ser criar o ser da matéria primeira⁵⁹.

Entendido deste modo se justificaria adequadamente que na matéria primeira fossem informadas primeiramente as formas menos perfeitas [elementares], para que, a partir destas, fossem geradas, posteriormente, as formas mais perfeitas [específicas]; indo, pois, do imperfeito ao perfeito⁶⁰, tal como ocorre com a gestação de uma criança que sendo originariamente imperfeita em natureza, se tornará, ao longo do tempo, perfeita⁶¹.

Acerca do *número de formas*: com relação ao número de formas, ou foi *uma* ou foram *muitas*. Parece que não pôde ter sido somente *uma*⁶², pois, a partir desta única

⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q4 a1 ad8: “Ad liberalitatem dantis non solum pertinet quod cito det, sed etiam quod ordinate et quod convenienti tempore det unumquodque (...) Unde ad ordinis convenientiam conservandam Deus in quadam imperfectione creaturas primo instituit, ut sic gradatim ex nihilo ad perfectum pervenirent”.

⁶⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q66 a1 ad4; *De Pot* q4 a2 sol: “Quod autem opera sex dierum, secundum alios sanctos, non fuerint simul sed successive producta, non fuit ex defectu potentia Creatoris, qui simul, potuisset omnia producere; sed ut ordo divinae sapientiae in rerum institutione demonstraretur, qui res ex nihilo in esse produciens non statim post nihilum in ultima perfectione naturae eas instituit, sed primo fecit eas in quodam esse imperfecto, et postea eas ad perfectum adduxit, ut sic gradatim ex nihilo ad ultimam perfectionem mundus perveniret; et sic diversis gradibus perfectionis diversi dies deservirent (...)”.

⁶¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q4 a1 ad12: “Perfecto agenti competit perfectum effectum producere. Sed non oportet quod statim in principio sit perfectum simpliciter secundum suae naturae modum, sed sufficit quod sit secundum tempus illud; quod modo puer mox natus perfectus dici potest”.

⁶² TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q4 a1 ad13: “Materia non dicitur fuisse informis, secundum sententiam quam sustinemus ad praesens, quia omni careret forma, vel quia haberet unam tantum formam, quae esset in potentia ad omnes formas, sicut posuerunt antiqui naturales ponentes unum principium; vel sub qua continerentur plures formae virtute, sicut in mixtis accidit; sed habebat in diversis partibus formas elementares diversas. Dicebatur tamen materia informis, quia nondum formae mixtorum corporum supervenerant materiae; ad quas formae elementares sunt in potentia; nec etiam erat situs elementorum adhuc conveniens eorum generationi sicut prius dictum est”.

forma elementar, deveriam ser geradas todas as demais formas elementares e específicas.

Admitindo que esta única forma elementar deveria gerar, também, a forma elementar contrária a ela, seríamos levados a supor que não pôde ter sido uma única forma elementar informada na matéria primeira, em sua origem. E isso é fácil de explicar: como teria sido possível gerar, sem contradição, da única forma elementar, os seus contrários, como o fogo e a água?

Disso decorre que *parece que foram muitas formas elementares que informaram a matéria primeira em sua origem*⁶³, pois neste caso, não haveria problema algum em supor que desta multiplicidade de formas elementares fossem geradas diversas formas, inclusive as opostas entre si.

Seria impossível a diversificação se a matéria não possuísse em sua origem algumas formas⁶⁴, já que a diversidade pressupõe diversas figuras e estas, a diversidade de formas⁶⁵. Portanto, se a distinção numérica das formas é pela matéria individual, a diversidade de formas presentes na matéria primeira, comum de muitos, é causa da diversidade específica⁶⁶.

Ao se supor que foram muitas as formas elementares informadas na matéria primeira, em sua origem, caberia saber se *informaram uma parte da matéria* ou se *informaram diversas partes da matéria*. Parece que fugiria daquela providência e sabedoria divinas o não fazer no todo da matéria primeira, em suas diversas partes, o que faz melhor nalguma parte da matéria primeira. Por isso, segue mais perfeitamente a providência estabelecida que Deus tivesse informado a matéria primeira com diversas formas elementares, nas diversas partes da mesma.

Acerca das *qualidades das formas*: com relação às qualidades das diversas formas elementares que informaram as diversas partes da matéria primeira, em sua origem, puderam ser *qualidades ativas* ou *qualidades passivas*. Parece que não puderam ser diversas formas elementares com suas qualidades ativas⁶⁷, porque, então, deveria ter, cada qual, uma matéria individual e não povoar uma matéria primeira comum de muitos⁶⁸.

Informada sucessivamente no tempo: de tudo o que vimos até aqui, nada impediu que houvesse, depois da criação simultânea da matéria, informada por diversas formas elementares, em suas diversas partes, uma sucessiva informação e geração no tempo, de formas substanciais mistas.

Então, podemos dizer que apesar de a matéria ter sido criada simultaneamente com o tempo e informada por diversas formas elementares, em nada contraria aquela tese da criação simultânea da matéria com forma, à admissão de que ela pudesse ter

⁶³ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q4 a1 ad3.

⁶⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Sent.*, d12 q1 a4 sc1.

⁶⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Sent.*, d12 q1 a4 sc2; *Comp. Theo.*, I c71: “Quod materiae diversitatis non est causa diversitatis in rebus”; *De mixt. elem.*, n437-439; *De Pot.*, q4. a1. ad12. Vejam: CAPREOLO, J. *Defen.* II, p. 388a.

⁶⁶ Vejam: WINIEWICZ, D. “A note on alteritas and numerical diversity in St. Thomas Aquinas”, *Dialogue*, 16 (1977), 693-707.

⁶⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q4 a1 obj3 e ad3; *De mixt.*, n430.

⁶⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q4 a1 obj9 e ad. 9.

sido informada, sucessivamente, no tempo, por diversas formas específicas, enquanto estas fossem eduzidas, produzidas e geradas, a partir das sucessivas relações existentes de atividade e passividade, entre as qualidades das formas elementares que a informaram, em sua origem.

Assim, pois, as formas que foram eduzidas ou produzidas, a partir da matéria⁶⁹, começaram a existir mediante as alterações recíprocas entre as formas elementares que informaram a matéria, em sua origem⁷⁰. A geração teve o seu início com tais alterações e com a corrupção se dá o retorno às formas elementares⁷¹.

Mas, se admitido que a geração vá do imperfeito ao perfeito, seria admissível, também, que entre a informação da matéria primeira, em sua origem, com as diversas formas elementares e suas qualidades passivas e a geração das formas específicas mistas dos minerais, houve muitas transformações elementares no interior da matéria primeira.

Do mesmo modo há de se supor que houve, também, muitas transformações elementares no interior da matéria primeira, da consecução da vida vegetativa à vida sensitiva⁷². Aquelas formas que informaram a matéria primeira em sua origem constituíram, como veremos abaixo, a sua essência, por isso, a matéria primeira é o que é a sua essência⁷³.

E se admitirmos que diversas formas elementares foram comunicadas à matéria primeira, em sua origem, devemos também supor o movimento e a passividade na essência da matéria, na medida em que foram causadas mediante as sucessivas mudanças formais no interior da essência da matéria⁷⁴.

⁶⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect7 n1423: “Sciendum tamen quod licet in litera dicatur, quod forma fit in materia, non tamen proprie dicitur. Forma enim proprie non fit, sed compositum. Sicut enim dicitur forma esse in materia, licet forma non sit, sed compositum per formam (...) formae enim proprie non fiunt, sed educuntur de potentia materiae”.

⁷⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *De mixt. elem.*, n438: “Oportet igitur alium modum invenire, quo et veritas mixtionis salvetur, et tamen elementa non totaliter corrumpantur, sed aliquantulum in mixto remaneant”.

⁷¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In V Metaph.*, lect4 n800: “Illa enim dicuntur corporum esse elementa, in quae ultimo resolvuntur omnia corpora mixta: et per consequens ea sunt, ex quibus primo componuntur huiusmodi corpora”. Além do mais, afirma o Angélico que a corrupção é o desfazer-se em elementos: *Sum. Theo.*, III q50 a5 sol; *Quodl.*, III q2 a2 [4] sol: “Dicit enim Damascenus in II lib., quod corruptionis nomen duo significat: significat enim humanas has passiones, famem, sitim, laborem, clavorum perforationem, mortem, scilicet separationem animae a corpore, et quaecumque talia; significat etiam corruptio perfectam corporis in ea, ex quibus compositum est, elementa, destructionem et dissolutionem”.

⁷² TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Sent.*, d12 q1 a4 sol: “Sed hoc non potest similiter dici in elementis: quia, secundum commentatorem, *prima habilitas quae est in materia, est ad formam elementi. Unde non invenitur aliqua forma media inter materiam primam et formam elementi, sicut inveniuntur multa media inter materiam primam et formam animalis, quarum una alteri succedit, quousque ad ultimam perfectionem veniatur, intermediis multis generationibus et corruptionibus, ut Avicenna dicit*”.

⁷³ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Anima*. a12 ad12: “Materia prima est in potentia ad actu substantialem, qui est forma; et ideo ipsa potentia est ipsa essentia eius”.

⁷⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *De nat. mat.*, c1 n372: “Quoniam ergo alteratio est actio physica, actio autem physica per instrumentum corporeum perficitur... et omnis talis actio per motum exercetur, ideo alteratio cuius terminus est generatio, requirit subiectum actu existens et mobile grave vel leve; alteratio namque motus est”. Em outras palavras, o Angélico coloca em evidência que ainda que a alteração não seja movimento, porque é *mutatio*, o exige. Sobre a *alteratio* entendida como não movimento, vejam: *In V*

E estas transformações imanentes à matéria primeira foram causadas pelas sucessivas alterações entre as formas elementares, a partir das quais, foram geradas e produzidas novas formas substanciais mistas completas⁷⁵. Se não admitirmos tais formas no interior da matéria primeira, deveríamos negar que houve alterações, gerações e corrupções⁷⁶. Deus a cria e a informa simultaneamente⁷⁷, mas não foi completa no mesmo instante da sua criação⁷⁸.

Concluindo este tópico acerca da origem da matéria, podemos afirmar que para *TA* a matéria primeira foi criada do nada por Deus, simultaneamente com o tempo, informada por diversas formas elementares, em suas diversas partes e, depois, informada, sucessivamente, por diversas formas específicas, no tempo.

§. 3. Essência da matéria.

Para alguns seria contra-senso demandar acerca da essência da matéria primeira, pois afirmam que a matéria primeira não possuiu essência, já que a essência diz-se da substância. Apesar de estarem certos, se equivocam ao pensarem que a matéria primeira não possuiu alguma essência e que ela mesma não foi uma substância. Diremos que não só possui uma essência, a mais *genérica* de todas, senão, também, que foi ela mesma a *primeira substância*, embora a mais imperfeita e incompleta de todas.

Por *essência da matéria* entendemos aqui *aquilo que* ou *de que* algo está constituído, sem o qual não poderia ser ou existir. O que não poderia faltar à matéria para que ela existisse? Isso que não poderia faltar constitui a sua essência. A *essência da matéria primeira* deve ser compreendida como o que resulta da informação originária e da relação entre as formas elementares na própria matéria, pois estas não poderiam faltar para que a matéria mesma existisse.

O que define tal essência é a mútua ordenação entre as potências ativas e passivas das qualidades das diversas formas elementares que a informaram em sua origem. Esta relação produz, efetivamente, como veremos, uma aptidão ou capacidade natural – portanto, constituiu a natureza da matéria – que determina, de algum modo, a essência, com um mínimo de ser. O mínimo de ser determinado, por tal relação, é *o*

Physic., lect4 n682: “Et dicit quod mutatio quae est in eadem specie qualitatis, puta in albedine, vel magis vel in minus, est alteratio. Et hoc probat per hoc, quod alteratio est mutatio de contrario in contrarium secundum qualitatem”.

⁷⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *De nat. mat.*, c1 n372: “Forma autem substantialis omnem quantitatem praecedit; actio autem generantis in productione formae substantialis est alteratio, cuius terminus est spoliatio materiae a forma prioris et inductio novae formae: et sic corruptio unius est generatio alterius”. Veja: CAPREOLO, J. *Defen.* III, p. 115 a.

⁷⁶ A geração é “mutatio de non-esse in esse, corruptioni opposita” (*Sum. Theo.*, I q27 a2 obj1). Por isso, nada “transit de non-esse in esse nisi per generationem” (*In VIII Physic.*, lect3). A geração é *motus* (*C. Gen.*, II c83). A diferença é que na alteração “manet idem subiectum sensibile, scilicet quando nulla transmutatione in eius substantia facta fit transmutatio in passionibus” (*In I Gen. et Cor.*, lect2) e na geração e na corrupção as transformações “non solum secundum passionibus, sed etiam secundum totam rei substantiam” (*In I Gen. et Cor.*, lect10).

⁷⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q4 a2 sol.

⁷⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q4 a2 praet23: “Nondum autem habebat formam humani corporis. Ergo non omnes formae simul sunt inditae materiae”.

ser em potência, mediante o qual, a matéria, por sua essência, se ordena à recepção das formas substanciais.

Para estabelecer a essência da matéria primeira exige-se que ela tenha sido informada, em sua origem, por alguma categoria de forma, mediante a qual recebeu um grau de ser. A essência da matéria se estabeleceria mediante esta relação originária de matéria primeira e forma.

Para entender isso será preciso que retomemos a exposição de que se Deus é Ato Puro, ao produzir algo, o fez semelhante a Ele mesmo, a matéria tendo sido criada por Deus seria semelhante a Deus por ser algo em ato, ainda que minimamente.

Disso se segue que Deus ao criar a matéria, não a criou sem forma⁷⁹, já que é a forma o que determina o ato, pela qual a matéria teria o mínimo de ato, vindo a ser, portanto, segundo certa atualidade. De tal maneira, que a matéria não foi em sua origem uma entidade absolutamente potencial⁸⁰. E inclusive seria contraditório sustentar isso, já que ente se diz de algo que existe em ato.

Segundo *TA*, é possível que haja alguma forma que exista separada da matéria, mas é insustentável que haja alguma matéria que possa existir sem determinação de alguma forma, que a determine nalguma espécie. Portanto, é insustentável que Deus a tivesse criado absolutamente informe, porque é impossível que exista alguma matéria sem alguma forma substancial⁸¹.

Se existiu em sua origem com algum gênero de forma, isso significa que a matéria primeira é um exemplar da idéia divina⁸², na medida em que possuíra alguma forma, pela qual fora pensada por Deus⁸³.

O que estabelece esta relação originária de matéria primeira e forma é o ser da própria matéria. Este ser é denominado dentro do contexto tomista por *ser em potência*. Pensar a matéria como *ser em potência* não é o mesmo que entendê-la como *não ser* ou *ser absolutamente potencial*, porque pensada como *ser em potencia*, se atribui uma essência à matéria, não podendo ser ela pensada como um nada de ser⁸⁴. E pensá-la como ser em potência não impede, portanto, afirmar certa similitude entre Deus e a matéria⁸⁵.

Sustentar que a matéria primeira é *ser em potência* não significa dizer que ela é absolutamente potencial, pois se assim o fosse, a matéria não teria nada de atualidade em sua essência. Sustentar que a matéria é ser em potência significa dizer que ela possui o mínimo de ser em ato.

⁷⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q44 a2 ad3. Veja: SANTO TOMÁS, J. de *Cursus Philosophicus Thomisticus*. Vol. II, 63 a 2; 71 b 30-33.

⁸⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q44 a2 obj3.

⁸¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q44 a2 sol. Veja: CAPREOLO, J. *Defen.* IV, p. 18 b.

⁸² TOMÁS DE AQUINO, S. *De Veritate*, q3 a5 sol. Veja: CAPREOLO, J. *Defen.* II, p. 410 b.

⁸³ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q44 a3 sol.

⁸⁴ SANTO TOMÁS, J. de *Cursus Philosophicus Thomisticus*. Vol. I, p. 77 a 6: "Potentialitas non est aliquod superadditum materiae primae, sed ipsa eius essentia".

⁸⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Veritate*, q3 a5 sol: "Plato qui invenitur primo locutus fuisse de ideis, non posuit materiae primae aliquam ideam, quia ipse ponebat ideas ut causas ideatorum; materia autem prima non erat causatum ideae, sed erat ei causa (...) Nos autem ponimus materiam causatam esse a Deo; unde necesse est ponere quod aliquo modo sit eius idea in Deo, cum quidquid ab ipso causatur, similitudinem ipsius utcumque retineat".

Uma vez exposto isso, seria insustentável afirmar que a matéria primeira teve a sua origem por criação, mas eduzida desde a própria essência divina. Na verdade, Deus a cria, mas a cria do nada e a onipotência criadora não se transfere ao criado⁸⁶.

Segundo *TA*, a matéria possuiu em sua origem o mínimo de ser em ato, porque foi criada e informada simultaneamente por diversas formas elementares, em diversas partes, cujos graus de ser em ato são mínimos.

Estas informações simultâneas assegurariam algo de atualidade na matéria primeira, sendo ilícito afirmar que ela foi absolutamente potencial em sua origem. Por isso, *TA* disse que “prima materia primam habilitatem habet ad formas elementares”⁸⁷; porque estas formas são as de corporeidade e são elementares para a constituição de qualquer corpo⁸⁸.

A matéria não se assemelha a Deus pelas formas substanciais dos elementos que lhe informaram em sua origem, porque estas formas, ainda que substanciais, não constituíram imediatamente ao serem informadas as espécies na matéria, porque elas são formas substanciais incompletas e as específicas são formas substâncias completas, como o término do processo de alteração, a saber, a geração.

Se algo se assemelha a Deus pela forma substancial específica que possui⁸⁹, a similitude da matéria é definida por outra regra, ou seja, pelo fato de participar do ser⁹⁰, pois, diz-se que algo, também, se assemelha a Deus, por possuir esta ou aquela forma. Tudo isso determina as coordenadas para estabelecer a matéria como o primeiro sujeito das formas. E se ela não o fosse, não poderia efetivamente participar do ser, não podendo ter sido criada por Deus⁹¹.

Por causa da simplicidade do ato de ser que as suas formas elementares lhe informaram em sua origem, a matéria diz-se *simples*, mas não do mesmo modo que se afirma a simplicidade de Deus, pois não há identidade entre a simplicidade da matéria e a de Deus⁹².

Decorre como propriedade da potencialidade originária da essência da matéria primeira a simplicidade. Convém, pois entendê-la. A *simplicitas* se diz da matéria *secundum quid*, na medida em que se refere à sua imperfeição, mas se afirma de Deus com relação à suma perfeição⁹³.

Disso se segue que ‘Materia prima et Deus no differunt, sed sunt diversa seipsis, unde non sequitur quod sint idem’⁹⁴, porque Deus é Ato Puro e a matéria primeira, pura potência⁹⁵. Sustentar que Deus é diverso da matéria significa pressupor que em algo se assemelham.

⁸⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q3 a1 sol.

⁸⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *De nat. mat.*, c6 n398.

⁸⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *De nat. mat.*, c6 n398.

⁸⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q3 a1 obj13.

⁹⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q3 a1 ad12-13.

⁹¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q44 a2 obj1.

⁹² TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q3 a8 obj3.

⁹³ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Veritate.*, q5 a9 ad8.

⁹⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q3 a8 ad3; *C. Gen.*, I c17 n16.

⁹⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *C. Gen.*, I c17 n7; *De Ver.*, q21 a4 sol; *De Pot.*, q1 a1 obj7.

De todos os modos, afirmar que há simplicidade na matéria, não constitui razão necessária para afirmar-lhe o ser absolutamente: *imutável*, *ingênito* e *incorruptível*⁹⁶. À matéria primeira não compete a atribuição de tais propriedades, pois ela mesma não existe por si mesma na natureza das coisas, tal como existiu em sua origem. Não sendo ser em ato, mas só em potência⁹⁷, não lhe caberia tais propriedades no curso de sua informação e origem.

A partir da afirmação da simplicidade da essência da matéria primeira estabelecem-se as seguintes características da essência da matéria primeira: ser *imutável*, ser *ingênito*, ser *incorruptível* e ser *infinita*.

Assim, pois, a matéria não é, em si mesma, imutável, ingênita e incorruptível⁹⁸. Tampouco sua potência é *infinita simpliciter*⁹⁹, pois, nada há de comum entre a infinitude divina e a que se afirma da potência da matéria¹⁰⁰.

A infinitude dita da matéria refere-se à capacidade de sua potência, como uma *virtutem infinitam ad recipiendum*¹⁰¹, ou como uma capacidade de receber indiferentemente todas as formas¹⁰². Somente desta maneira se poderá compreender a capacidade da matéria primeira como infinita¹⁰³.

O perigo de admitir equivocadamente a infinitude da matéria estaria em admitir, também, equivocadamente, sua *eternidade*. A matéria não é *eterna* ao modo de não poder ser lhe atribuído um início, a partir do qual começou a existir e um fim, a partir do qual deixará de existir.

Esta eternidade se diz somente de Deus. Não obstante, podemos estabelecer hipoteticamente argumentos viáveis para se provar a eternidade da matéria primeira, e estes argumentos formam a base dos que servem para provar a eternidade do mundo¹⁰⁴.

Concluindo, para *TA* não é contrário à onipotência divina a criação da matéria primeira de cuja essência decorra a compreensão do ser da matéria como *ser em potência*¹⁰⁵. Diz-se que a matéria primeira é *não ser* enquanto se faz referência à privação de forma que nela há, ou seja, privação de determinada perfeição em ato, mas não com relação ao fato de não possuir alguma atualidade, pois algo de ser ela possui¹⁰⁶. Trata-

⁹⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q16 a8 obj2; *In II Sent.*, d1 q1 a5 obj1.

⁹⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q7 a2 ad3.

⁹⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q16 a8 ad2. João de Santo Tomás interpretou a matéria primeira como ingênita e incorrupta negativa, mas não positivamente. *Cursus Philosophicus Thomisticus*. Vol. II, p. 80 a 35.

⁹⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q7 a2 ad3; *C. Gen.*, I c43 n6; II c96 n6; II c55 n6.

¹⁰⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q7 a2 obj3. Veja: CAPREOLO, J. *Defen.* II, p. 540 b.

¹⁰¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *Com. Theo.*, I c19.

¹⁰² TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Sent.*, d43 q1 a1 sol.

¹⁰³ TOMÁS DE AQUINO, S. *In III Physic.*, lect12 n10.

¹⁰⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *C. Gen.*, II c34 n2. Veja: OWENS, J. "Material substance, temporal or eviternal?", *The New Scholasticism*, 56 (1982), pp. 442-461.

¹⁰⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q5 a3 ad3.

¹⁰⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q5 a3 ad3.

se de ser ‘não ser’ *por acidente*¹⁰⁷. Por isso, a matéria não é *simpliciter potentia*, mas *simpliciter ens in potentia*¹⁰⁸.

A matéria primeira é o que maximamente se distancia de Deus em perfeição, porque o seu ser é só ser em potência¹⁰⁹, enquanto Deus é Ato Puro. E isso, porque a matéria tem o mínimo de ser¹¹⁰ e este é *imperfectissimum*. De fato, seria um grande problema sustentar que Deus possuiu a idéia de matéria em sua mente se esta não fosse algo de ser¹¹¹.

E porque é a forma o que dá o ser, Deus possuiu a idéia da matéria informada¹¹², na medida em que esta informação constituiu a essência da matéria primeira em sua origem, sendo esta mesma essência a que Deus pensou originariamente¹¹³. Daí ser conveniente a afirmação de que a matéria primeira ‘sequitur derivatum esse a primo essendi principio, quod est maxime ens’¹¹⁴.

Deus não possuiu a idéia de matéria, distintamente da de forma¹¹⁵, porque a “materia prima per se non creatur”¹¹⁶. E foram aquelas formas elementares que informando a matéria primeira, constituíram a sua essência e a determinaram *simpliciter* o seu ser em potência da mesma¹¹⁷. Por isso, nada há de ilícito si se coloca na matéria primeira as ‘rationes seminales rerum’ e em Deus as ‘rationes causales’¹¹⁸.

Visto o anterior, podemos dizer com relação à sua origem e formação de sua essência, que a matéria foi criada por Deus, informada por diversas formas elementares em diversas partes da matéria e que esta informação constituiu a essência da matéria primeira. Tendo sido criada, não se lhe atribui a eternidade como se não tivesse possuído um início e não possuísse um termo, mas em razão de sua infinita potencialidade. Ela foi, pois, criada simultaneamente com o tempo e não no tempo¹¹⁹.

§. 4. Natureza da matéria.

¹⁰⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *De quat. opp.*, c4.

¹⁰⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q48 a3 sol.

¹⁰⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q115 a1 ad4.

¹¹⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Veritate*, q2 a5 obj12.

¹¹¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Veritate*, q3 a5 obj1-3.

¹¹² TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Sent.*, d36 q2 a3 ad2: “Cum materia prima a Deo sit, oportet ideam ejus aliquantulum in Deo esse; et sicut attribuitur sibi esse, ita attribuitur sibi idea in Deo: quia omne esse, inquantum perfectum est, exemplariter ductum est ab esse divino”.

¹¹³ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Veritate*, q3 a5 sc2.

¹¹⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VIII Physic.*, lect2 n4.

¹¹⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Veritate*, q3 a5 sol.

¹¹⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q3 a5 ad3. Veja: SANTO TOMÁS, J. de *Cursus Philosophicus Thomisticus*. Vol. II, p. 391 b 10; 755 a 9.

¹¹⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Malo*, q1 a2 sol; *In II Sent.*, d3 q1 a1 sol: “Quia materia prima recipit formam, non inquantum est forma simpliciter, sed inquantum est haec: unde forma existens in materia non est intellecta nisi in potentia, quia cognosco esse formae, inquantum est forma; et ideo si intellectus aliquis poneretur habens materiam, forma existens in eo non esset intellecta in actu: et sic per formam illam non intelligeret”.

¹¹⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Veritate*, q2 a9 sc5.

¹¹⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Sent.*, d1 q1 a6 ad6.

Para a redação deste ponto tivemos em conta, também, o conteúdo doutrinal do opúsculo *Os princípios da natureza*, que considera ademais da matéria, a forma e a privação. Consideramos brevemente a forma e a privação com o intuito de oferecer um maior destaque à matéria, já que a intenção da apresentação destes opúsculos nesta edição é o de mapear o perfil metafísico das substâncias materiais.

Tudo o que possui ato de ser possui alguma tendência, aptidão ou ordenação a certo fim¹²⁰. Se admitirmos que a matéria primeira em sua origem possuiu o mínimo de ato de ser¹²¹, convirá, também, supor que ela possuiu, de algum modo, uma natureza, mediante a qual tendesse ou ordenasse a algo.

A regra é clara: se a matéria primeira existiu, possuiu essência, e se possuiu essência tendeu ou ordenou-se a algo, e esta aptidão é o que define sua própria natureza. Neste sentido, seria contrário aos primeiros princípios se estabelecêssemos que algo criado possuiu ser sem essência e sem tendência a algum fim.

A essência e a natureza são dois princípios que servem para ressaltar as duas características fundamentais da matéria, mas que somente se distinguem no âmbito da razão, sendo, pois, tomados como sinônimos. Embora não seja uma distinção mensurada sensivelmente, não podemos negar que haja verdadeiramente distinção.

Distinguem-se, enquanto um, a essência, é o constitutivo formal da matéria primeira e, o outro, a própria tendência que nasce da essência; e disso deriva a noção de natureza, pois nasce do que a que se ordena a essência mesma. Neste sentido podemos dizer que a essência da matéria primeira se ordena naturalmente, por natureza, a algo que nasce ou origina da própria essência da matéria primeira.

A *natureza da matéria* indica, pois, a essência da matéria considerada como princípio de ação e significa o princípio intrínseco da geração, imanente à coisa da qual se toma início ou o processo de geração, portanto, se trata daquele princípio intrínseco do movimento, que pertence à coisa em virtude de sua essência¹²².

Ensina-nos *TA* que a essência é designada pelo nome *natureza* para significar a essência da coisa, segundo está ordenada para a sua própria operação, visto nenhuma coisa ser destituída de sua própria operação¹²³. Se a matéria constituiu essência em sua origem, com a informação daquelas formas elementares, a ela designa-se uma natureza, enquanto designa-se com isso à própria essência da matéria, segundo está ordenada para a sua própria ação.

E denominamos *natureza da matéria* esta ordenação da essência da matéria primeira, produzida a partir das alterações das qualidades das formas elementares, às formas que dela mesma podem ser eduzidas. Esta *tendência* é o próprio ser em potência da matéria primeira, pela qual se ordena receber as formas substanciais¹²⁴, estando disposta indiferentemente para receber qualquer forma substancial¹²⁵.

¹²⁰ A tese de *TA* pode ser resumida na seguinte expressão: *operatio sequitur esse*.

¹²¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In VIII Metaph.*, lect1.

¹²² MONDIN, B. *Dizionario Enciclopedico del pensiero di San Tommaso d'Aquino*. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2000, pp. 456-457.

¹²³ TOMÁS DE AQUINO, S. *De ent. et ess.*, c.1, n.5-6.

¹²⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Spirit. creat.*, a8 sol: "Distinctio autem materiae a materia non invenitur nisi duplex: Una *secundum propriam rationem materiae*, et haec est *secundum habitudinem ad diversos actus*: cum enim *materia*

A que se ordena originariamente a essência da matéria primeira? Denominamos *natureza da matéria primeira* não ao que se ordena originariamente a essência da matéria primeira, mas à própria tendência, aptidão e ordenação emanada ou provinda intrinsecamente da essência da matéria primeira.

Dois são as tendências ou ordenações encontradas na essência da matéria primeira e que norteiam a sua natureza: (1) como primeiro sujeito subjacente destaca-se a ordenação de ser fundamento primeiro indiferente de diversas formas; (2) como último sujeito subjacente destaca-se a ordenação de ser fundamento último individual da forma substancial específica. Vejamos uma e outra.

Com relação à primeira tendência, podemos dizer que a matéria primeira porque é potência e carente de toda forma substancial específica em sua origem, ela por sua essência se ordena e tende, como primeiro sujeito subjacente que é, ao recebimento das formas substanciais específicas¹²⁶.

Neste sentido, a matéria primeira por exigência e tendência de sua própria essência está disposta à indiferente recepção de qualquer forma substancial que de sua própria essência possa ser eduzida¹²⁷. E foi por isso que *TA* disse que a matéria primeira é *primeiro sujeito subjacente* de todos os corpos¹²⁸, pois ela mesma tem parte na constituição da essência da substância corpórea¹²⁹.

Fundamenta-se, também, na matéria primeira enquanto *primeiro sujeito subjacente* à passividade encontrada nos corpos, dos quais a matéria contribuiu constituindo a essência da substância corpórea. Vimos, mais acima, que a essência da matéria primeira, é denominada genérica porque ela é o princípio da geração, já que tudo o que se gera, se gera pela matéria e tudo o que se corrompe, se corrompe na matéria¹³⁰.

Resumindo, a matéria primeira, conforme a potência encontrada em sua essência, deixa impresso naquilo em que ela compõe, sinais de sua potencialidade e passividade, por isso ela mesma é o fundamento da potencialidade e passividade dos corpos¹³¹.

secundum propriam rationem sit in potentia, potentia ad actum dicatur, necesse est quod secundum ordinem actuum actuum attendatur distinctio in potentiis et materiis".

¹²⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Spirit. creat.*, a3 ad20: "Ad vicesimum dicendum quod materia prout nuda consideratur se habet indifferenter ad omnes formas; sed determinatur ad speciales formas per virtutem moventis".

¹²⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Spirit. creat.*, a8 sol: "Distinctio autem materiae a materia non invenitur nisi duplex: Una *secundum propriam rationem materiae, et haec est secundum habitudinem ad diversos actus: cum enim materia secundum propriam rationem sit in potentia, potentia ad actum dicatur, necesse est quod secundum ordinem actuum actuum attendatur distinctio in potentiis et materiis*".

¹²⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Spirit. creat.*, a3 ad20: "Ad vicesimum dicendum quod materia prout nuda consideratur se habet indifferenter ad omnes formas; sed determinatur ad speciales formas per virtutem moventis".

¹²⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Physic.*, lect15.

¹²⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Physic.*, lect2.

¹³⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *De nat. mat.*, c1 n369.

¹³¹ Estes vestígios são virtudes das qualidades passivas presentes no misto estas qualidades guardam no misto a capacidade de gerar novamente o elemento, quando da corrupção do misto: *De op. oc.*, n440; 442; 446.

Com relação à segunda tendência, podemos dizer que a matéria primeira, porque é potência e carente de toda forma substancial específica em sua origem, ela ao receber o ato de ser de alguma forma substancial se ordena e tende, agora não mais como primeiro sujeito subjacente, mas, como último sujeito subjacente, a ser o fundamento último individual da forma substancial recebida.

Por isso disse *TA* que a matéria primeira é princípio de individuação da forma substancial¹³², pois a individuação é uma operação ou efeito de uma operação, a que tendeu por natureza, a essência da matéria primeira. E porque ela mesma é *primum subiectum substans*¹³³, segundo *TA* a matéria primeira entendida como *primum subiectum ex quo aliquid fit per se et non secundum accidens*¹³⁴, é fundamental para entender a matéria como princípio de individuação da forma, já que *materia prima consideratur subiecta omni forma*¹³⁵.

A consideração de se o *ser* é uno ou múltiplo principiou muitas obras da antiguidade clássica. Aristóteles é um exemplo fundamental. Com ele e a partir dele estabeleceu-se propriamente a *querela da individuação* que norteará muitas discussões medievais acerca da natureza da substância. Resumiremos aqui a questão da individuação em *TA*, valendo-se, assim mesmo, de sua doutrina encontrada no opúsculo *O princípio de individuação*.

§. 5. Causalidade da matéria.

O problema da individuação não é somente, como designou J. Gracia, um dos maiores temas de todos os tempos, senão aquele que maior atração e fascínio exerceu sobre os filósofos escolásticos¹³⁶.

Para colocar em evidencia a formulação de *TA* destacaremos, também, as de Ockham, Escoto e Suárez, pois em cada um deles a formulação é tão importante quanto ao estabelecimento e compreensão de suas respectivas posições frente à individuação.

G. de Ockham [1285-1349], por exemplo, não crê necessário o estabelecimento de um princípio de individuação para as substâncias¹³⁷, já que qualquer coisa em si mesma é singular e, isso, lhe convém imediatamente¹³⁸.

¹³² TOMÁS DE AQUINO, S. *De Causis*, lect9; *De Spirit. Creat.*, a1 ad2; *De Pot.*, q9 a1 ad4.

¹³³ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q3 a2 ad3.

¹³⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Physic.*, lect15 n139; II lect5 n178: “ex quo fit aliquid cum insit”.

¹³⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Physic.*, lect13 n118.

¹³⁶ GRACIA, J.J. “Prologue”, in: *Individuation in Scholasticism. The Later Middle Ages and The Counter-Reformation 1150-1650*. New York: Suny, 1994, p. ix.

¹³⁷ OCKHAM, G. *Ordinatio* I, d. 2, q. 6, p. 197, n. 14-18: “Et ita quaelibet res extra animam se ipsa erit haec, nec est quaerenda aliqua causa individuationis nisi forte causae extrinsecae et intrinsecae, quando individuum est compositum, sed magis esset quaerenda causa quomodo possibile est aliquid esse commune et universale”.

¹³⁸ OCKHAM, G. *Ordinatio* I, d. 2, q. 6, p. 196, n. 3-6: “quaelibet res singularis se ipsa est singularis (...) quia singularitas immediate convenit illi cuius est, igitur non potest sibi convenire per aliquid aliud; igitur si aliquid sit singulare, se ipso est singulare”. A mesma opinião sustentaram Gabriel Biel, Roger Bacon e Durando: BIEL, G. *Epitome et collectorium ex Occamo circa quatuor sententiarum Libros*. I, d. 22, q. única, corollarium: Quaelibet res existens est individuum; quia quaelibet est singularis”; BACON, R. *Communia*

Teve razão A. Maurer quando afirmou que em Ockham não há um tratamento metafísico do princípio de individuação¹³⁹. O mesmo se aplicara ao caso de Roger Bacon [1214-1294] que sustentara antes de Ockham que é *stultitia magna huiusmodi questione quam faciunt de individuacione*¹⁴⁰.

Em outros contextos, não se descarta a possibilidade de considerar o princípio de individuação, como no caso de Duns Escoto [1265-1308] que admitiu que, porque nem a coisa e nem a sua natureza é em si mesma individual é necessário considerar um princípio de individuação para a natureza, pois a singularidade convém à natureza como algo positivo¹⁴¹, que se lhe inere contraindo-a à individualidade¹⁴². Esta é a tese escotista que, comumente, se tornou conhecida como o princípio de individuação pela *haecceitas*¹⁴³.

naturalium. Fasc. 2. c. 10, p. 105-106; SÃO PORCIANO, D. *II Sent.* 3, 2, fol. 137ra, n. 15; Vat. lat. 1073, fol. 15v: “nihil existit in se extra nisi individuum et singulare”. Também se aproxima desta interpretação a tese Enrique de Harclay, que afirma que a incomunicabilidade é uma propriedade da coisa que existe fora da mente: DE HARCLAY, E. *Quaestio de significato conceptus universalis*, p. 211, n. 67: “Tamen ego [dico] quod singularitas [et] etiam incommunicabilitas est proprietas rei existentis extra, eam necessario consequens, sive posterius natura sive simul vel prius, non curo”. Esta tese de Enrique de Harclay contradiz a de Pedro de Navarra, que sustentava que o fundamento da incomunicabilidade se encontra no plano de uma relação de razão: DE NAVARRA, P. *In Prim. Sent. Scrip.*, d. 23, q. 1-2, [C. Opinio Auctoris], pág. 578, n. 16: “Contra hoc postest instari: negatio est ens rationis; incommunicabilitas dicit negationem; ergo incommunicabilitas est ens rationis et per consequens persona”; n. 17: “Praeterea, negatio fundatur super aliquid positivum; sed idem in tribus personis non potest esse ens reale sed ens rationis; ergo fundamentum incommunicabilitatis est ens rationis et per consequens ipsa”.

¹³⁹ MAURER, A. A. “William of Ockham (B. Ca. 1285; D. 1347)”, in: *Individuation in Scholasticism*, op. cit. p. 373.

¹⁴⁰ BACON, R. *Communium naturalium*, (Steele), c. 9, p. 101: “Et ideo stultitia magna est huiusmodi questione quam faciunt de individuacione”.

¹⁴¹ DUNS ESCOTO, J. *Ordinatio* II, dist. 3, Pars Prima, q. 2, p. 417, 8-18: “tamen si verum esset quod ‘unum’ significaret formaliter illam duplicem negationem, non sequitur quod non habet aliquam causam positivam per quam insit ei illa duplex negatio, nam et unitas specifica pari ratione significaret duplicem negationem, et tamen nullus negat entitatem positivam esse in ratione entitatis specifica. Et istud est argumentum bonum pro solutione quaestionis et pro opinione, quia cum in qualibet unitate minore unitate numerali sit dare entitatem positivam (quae sit per se ratio illius unitatis et repugnantiae ad multitudinem oppositam), maxime, vel aequaliter, erit hoc clare dare in unitate perfectissima, quae est ‘unitas numeralis’”.

¹⁴² DUNS ESCOTO, J. *Ordinatio* II, dist. 3, Pars Prima, q. 1, p. 410, 8-14: “singularitas autem convenit naturae per aliquid in re contrahens ipsam (...) necessario oportet quaerere causam singularitatis, quae superaddit aliquid illi naturae cuius est”.

¹⁴³ A palavra ‘haec’ dentro do vocabulário escotista tem um sentido forte, já que o termo ‘haecceitas’ é formada a partir da mesma, na medida em que traduz uma radical interpretação da individualidade causada pela entidade positiva. Não obstante, é preciso ter em conta que a ‘haecceitas’ que costuma resumir o que significa a entidade positiva individuante, não é uma palavra corrente em suas obras. A pesar disso, não há dúvidas de que ela é a palavra que melhor identifica e resume a doutrina escotista acerca da individuação das substâncias corporais. Sobre a sua doutrina, vejam: DUNS ESCOTO, J. *Ordinatio* II, dist. 3, Pars Prima, q. 6, p. 465, 14-18. Seguem Escoto Pedro de Tomás e Pedro de Fonseca: DE TOMÁS, P. *Quodlibet*. Pars prima, q. 3, p. 35, n. 351-355 “Ad ultimum dico quod omnia individua superiorum sunt realiter idem cum individuo inferioris, licet secundum rationem et etiam forte plus distinguantur. Omnia enim haecceificantur eadem haecceitate: eadem enim haecceitate qua haecceificatur humanitas, haecceificatur animalitas, corporeitas, substantialitas et entitas”; DE FONSECA, P. *Commentariorum in libros Metaphysicorum*. Lib. V, cap.

Francisco Suárez, a pesar de aceitar que toda entidade é individual, crê necessário considerar um princípio de individuação para as coisas. Conforme o jesuíta, um monte de pedras é individual a ponto de que não se identifica a outros montes com a mesma quantidade de pedras, porque tal como ele é em si mesmo, ele é incomunicável, porque não pode ser dividido em muitos montes de pedras¹⁴⁴.

Neste sentido ele afirma que há privação ou negação da divisão ou divisibilidade da entidade singular, de tal modo que ainda que seja divisível numericamente, o é indivisível entitativamente. Segundo Suárez, o que causa a indivisibilidade da entidade é o seu princípio de individuação, mas a própria entidade tem em si mesma a natureza da indivisibilidade, portanto, a própria entidade seria o seu princípio de individuação¹⁴⁵. Resumindo, todas as coisas, com a exceção dos conceitos, são singulares e individuais¹⁴⁶. Portanto, toda entidade é necessariamente una, singular e individual¹⁴⁷ e dentro deste contexto se formula e se considera a entidade como o princípio de individuação¹⁴⁸. Vimos três casos distintos acerca da consideração do problema da individuação:

(a) OCKHAM nega absolutamente a necessidade de sua consideração, porque só existe o singular que por si mesmo é individual;

(b) ESCOTO afirma a necessidade de sua consideração, já que a natureza não é por si mesma singular, senão que isso se lhe é causado por alguma entidade positiva que se lhe é acrescida, convertendo-a individual, a *haecceitas*;

(c) SUÁREZ que afirma necessária a sua consideração, embora conceba que a própria entidade seja o princípio de individuação.

VI, quaestio 5, sect. 1. p. 381, D: “huiusmodi sunt diffrentiae quibus Socrates et Plato sunt differentiae inter se quam ullo accidentario discrimine, quas differentias alii vocant haecceitas”.

¹⁴⁴ SUÁREZ, F. *Disputationes Metafísicas*. V, sect. 1, p. 565, n. 3, (b): “haec quantitas bipedalis individua est, quia, licet sit divisibilis, non tamen in plura, quorum singula talia sint quale erat totum divisum, et ita illa est divisio totius in partes (...) quia etiam acervus lapidum talis est ut non sit communicabilis multis nec divisibilis in plures tales qualis ipse est”.

¹⁴⁵ SUÁREZ, F. *Disputationes Metafísicas*. V, sect. 1, p. 566, n. 3, (a): “Quocirca, ut praedicta negatio seu indivisio ad ens et unum per se (de quibus agimus) accommodetur, sumenda est ut adiuncta entitati per se; nam ratio unitatis, ut supra diximus, non consistit in sola indivisione, sed in entitate indivisa. Ratio ergo unitatis per se individuae et singularis consistet in entitate sua natura per se una et praedicto modo indivisa seu incommunicabili”.

¹⁴⁶ SUÁREZ, F. *Disputationes Metafísicas*. V, sect. 1, p. 566, n. 4, (b): “Sic ergo explicata ratione individui seu singularis entis dicendum est res omnes, quae sunt actualia entia seu quae existunt vel existere posuunt immediate, esse singulares ac individuas. Dico immediate, ut excludam communes rationes entium”.

¹⁴⁷ SUÁREZ, F. *Disputationes Metafísicas*. V, sect. 1, p. 567, n. 4, (a): “omnis entitas, hoc ipso quod determinata entitas est, non potest dividi a seipsa; ergo nec potest dividi in plures quae tales sint, qualis ipsa est, alioqui tota illa entitas esset in singulis, et consequenter, ut est in una, divideretur a seipsa prout est in alia, quod manifestam involvit repugnantiam. Omnis ergo entitas, hoc ipso quod est una entitas in rerum natura, necesario est una praedicto modo, atque ideo singularis et individua”.

¹⁴⁸ SUÁREZ, F. *Disputationes Metafísicas*. V, sect. 6, p. 646, n. 1, (a): “unamquamque entitatem per seipsam esse suae individuationis principium”.

Cabe saber agora: *como, por que e para quê formulou e considerou TA o problema da individuação em seu pensamento?*

Por considerar que a natureza não é por si mesma individual, TA estabelece que esta é individual no suposto, enquanto se toma a natureza da forma e o suposto da matéria¹⁴⁹, daí que a natureza da espécie se individue pela matéria¹⁵⁰, porque a matéria, enquanto suposto, é o que impede a *comunicabilidade* da natureza a muitos. O suposto é incomunicável porque a matéria que o constitui não é comum, mas esta matéria *haec materia*, isto é, *materia signata*¹⁵¹. O suposto acrescenta algo diverso à natureza, ou seja, a diferença individual: *in compositis ex materia et forma, individuum addit supra naturam speciei designationem materiae et accidentia individualia*¹⁵². E as coisas compostas de matéria e forma, suposto e natureza se distinguem¹⁵³.

Por isso nos ensina TA que dentre as substâncias corpóreas, *nulla creatura est idem suppositum et natura*¹⁵⁴, mas aquelas que não se compõem de matéria e forma *non differt suppositum et natura*¹⁵⁵, pois nos anjos, a própria forma é o suposto da natureza¹⁵⁶. Estas palavras resumem o antes dito: *et ideo, licet ipsum esse non sit de ratione suppositi, quia tamen pertinet suppositum, et non est de ratione naturae, manifestum est quod suppositum et natura non sunt omnino idem in quibuscumque res non est suum esse*¹⁵⁷.

Assim, pois, porque a natureza não é por si mesma individual e porque ela é distinta do suposto nas criaturas materiais, a pergunta por seu princípio de individuação e incomunicabilidade constitui dentro do contexto do pensamento tomista, a formulação mesma do problema da individuação das substâncias materiais. TA define o princípio de individuação como aquilo que determina a

¹⁴⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In X Metaph.*, lec. 4. n. 2004: “ut matéria referatur ad suppositum quae est individuationis principium, et species pro natura accipiat”.
¹⁵⁰ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I, q. 39, a. 2, con: “natura alicuius speciei per materiam individuat; et sic natura se habet ut forma, individuum autem ut suppositum formae”.

¹⁵¹ TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Perih.*, lec. 10, n. 6: “Cum autem omnis forma, quae nata est recipi in materia quantum est de se, *communicabilis sit multis materiis*; dupliciter potest contingere quod id quod significatur per nomen, non sit aptum natum praedicari de pluribus. *Uno modo*, quia nomen significat formam secundum quod terminata est ad hanc materiam, sicut hoc nomen Socrates vel Plato, quod significat naturam humanam prout est in hac materia. *Alio modo*, secundum quod nomen significat formam, quae non est nata in materia recipi, unde oportet quod per se remaneat una et singularis; sicut albedo, si esset forma non existens in materia, esset una sola, unde esset singularis: et propter hoc Philosophus dicit in VII *Metaphys.*, quod si essent species rerum separatae, sicut posuit Plato, essent individua”.

¹⁵² TOMÁS DE AQUINO, S. *De Spirit. creat.*, a. 5, ad 9.

¹⁵³ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I, q. 3, a. 3, c: “In his igitur quae non sunt composita ex materia et forma, in quibus individuat non est per materiam individualementem, idest per hanc materiam, sed ipsae formae per se individuantur, oportet quod ipsae formae sint supposita subsistentia. Unde in eis non differt suppositum et natura”.

¹⁵⁴ TOMÁS DE AQUINO, S. *Quodl.*, II, q. 2, a. 2, sed contra; con. y ad. 1.

¹⁵⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I, q. 3, a. 3, c.

¹⁵⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I, q. 3, a. 3, c.

¹⁵⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *Quodl.*, II, q. 2, a. 2, ad. 2.

incomunicabilidade da natureza, porque é princípio de incomunicabilidade¹⁵⁸ e identifica este princípio à matéria assinalada pela quantidade¹⁵⁹.

¹⁵⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. *De Pot.*, q.9, a.6, ad.4.

¹⁵⁹ Eis algumas referências mais importantes, segundo uma ordem cronológica: *In I Sent.*, d. 8, q. 5, a. 2; d. 9, q. 1, a. 2, d. 23, q. 1, a. 1; d. 25, q. 1, a. 1, ad. 3, ad. 6; d. 36, q. 1, a. 1, con; *De ent. et ess.*, cap. 2, n. 7; *De nat. mat.*, cap. 1, n. 370; cap. 2, n. 375; cap. 3, n. 377; cap. 4, n. 379, n. 380, n. 383, n. 385, n. 389; cap. 5, n. 393, n. 394; cap. 6, n. 398; *De prin. indiv.*, n. 426, n. 428; *In II Sent.*, d. 3, q. 1, a. 1; a. 3; d. 30, q. 2, a. 1; *In III Sent.*, d. 1, q. 2, a. 5, ad. 1; *In IV Sent.*, d. 12, q. 1, a. 1, sol. 3, ad. 3; q. 2, sol. 4; d. 44, q. 1, a. 1; q. 2, a. 2, sol. 2; *De Trinitate*, lec. 1, q. 4, a. 2; *C. Gen.*, 1, c. 21, n. 199; 1, c. 44; 4, c. 63; 2, c. 71, n. 1480; 4, c. 65, n. 4019-4020; 4, c. 81, n. 4151; *De Pot.*, q. 9, a. 1; a. 2, ad. 1; *Quodl.*, 8, a. 10; 11, a. 6; *Sum. Theo.*, I, q. 3, a. 2, ad. 3; q. 29, a. 3, ad. 4; q. 54, a. 3, ad. 2; q. 56; a. 1, ad. 2; q. 76, a. 4; a. 6; *De Anima*, a. 9; *De Spirit. creat.*, a. 3; *De Sub. sep.*, cap. 7, n. 77; *Quodl.*, 1, q. 10, a. 21, a. 22; *Com. Theo.*, cap. 153, n. 305; n. 308; *Sum. Theo.*, III, q. 77, a. 2.